

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E RELEVÂNCIA ATUAL DE AUGUST HERMANN FRANCKE: UM ENSAIO

Werner Wiese*

August Hermann Francke¹ não é um personagem muito conhecido no mundo religioso brasileiro. Por isso é necessário fazermos algumas considerações preliminares à temática acima proposta, sob risco de, aqui e acolá, repetirmos uma ou outra frase ou expressão escritas nesta mesma revista pelo Prof. Dr. Claus Schwambach.

Francke é considerado um dos *pais do Pietismo*, movimento surgido no século XVII, especialmente dentro da *Igreja Evangélica Luterana*, na Alemanha. *Pietismo* é um nome predominantemente carregado de sentido negativo.² Aliás, Francke e os outros *pais do Pietismo (luterano-alemão)* jamais quiseram ser chamados de “pietistas”, assim como Lutero não quis que um cristão ou grupo de pessoas fosse chamado de luterano.

1. Pietismo.

O Pietismo não é uma grandeza uniforme ou homogênea, mas plural. O assim chamado “o Pietismo” não existe. Existem, isso sim, variantes do Pietismo.³ Conseqüentemente, para identificar um grupo ou movimento como

a *Missão Evangélica União Cristã* (MEUC) como entidade histórica decorrente do Pietismo,⁴ não basta dizer que a MEUC é pietista ou que ela é um movimento cuja nascente é o Pietismo. É indispensável dizer de que vertente do Pietismo ela provém. Entretanto, isso não é tarefa da presente abordagem.

Em termos amplos, o Pietismo não só é uma grandeza plural no que diz respeito a seus enfoques teológicos e sua posição em relação às igrejas instituídas, especialmente à *Igreja Evangélica Luterana*, na Alemanha, e à *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil* (IECLB), mas ele é uma realidade complexa em si. Isso é atestado, desde muito cedo, pelos mais diversos desdobramentos do próprio movimento, existindo vasta documentação a respeito. Essa documentação abrange tanto uma produção literária mais antiga quanto mais recente e até bem recente como, por exemplo:

a) literatura produzida no âmbito do próprio Pietismo; especialmente na e a partir da *Associação de Gnadau* (*Gnadauer Verband*).⁵ Em língua portuguesa foi publicada a *obra-mãe* do Pietismo luterano, *Pia Desideria* (*sinceros desejos*).⁶

b) Literatura produzida por Erich Beyreuther e por vários outros pesquisadores. Beyreuther é um pesquisador do Pietismo. Sua obra clássica é a *Geschichte des Pietismus* (*História do Pietismo*).⁷ Além dessa obra, o autor publicou uma série de abordagens a respeito do tema. Trata-se de abordagens sérias, que procuram entender os objetivos do Pietismo, mas que igualmente pontuam aspectos vulneráveis ou focos de alto risco deste.

c) Literatura produzida pela *Comissão Histórica para a Pesquisa do Pietismo*. (*Historische Kommission zur Erforschung des Pietismus*). Trata-se de uma obra literária gigantesca, composta de quatro volumes, que somam milhares de páginas.⁸

Além disso, há, evidentemente, uma série de abordagens isoladas, desde breves artigos até abordagens maiores – com conotações muito distintas e

* Werner Wiese (Dr.) é docente na área de Novo Testamento na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, em São Bento do Sul/SC.

¹ Doravante simplesmente *Francke*, salvo uma e outra exceção.

² Como exemplo, mencionamos Hugo Schlesinger - Humberto Porto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 299. Uma definição de *pietistas*, dessa natureza, é tão lamentável quanto uma definição absolutamente idealista de pietistas/Pietismo ou qualquer outro movimento cristão.

³ Kurt HEIMBUCHER. *Zukunft durch Umkehr*. Giessen/Dillenburg: Brunnen Verlag & Gnadauer Verlag, 1989, p. 11.

⁴ A Missão Evangélica União Cristã surgiu em 1927, no Sul do Brasil, atendendo ao clamor de imigrantes alemães cujas raízes cristãs eram círculos provenientes do Pietismo (neopietismo) na Alemanha.

⁵ A *Associação de Gnadau* foi fundada em 1888. Ela é a entidade maior à qual os mais diversos movimentos e obras emergentes do *Pietismo eclesial* na Europa, acima de tudo, de fala alemã, estão vinculados.

⁶ Phillip Jacob SPENER. *Mudança para o Futuro. Pia Desideria*. Curitiba/São Bernardo do Campo: Encontro Editora & Ciências da Religião, 1996.

⁷ Erich BEYREUTHER. *Geschichte des Pietismus*. Stuttgart: Steinkopf Verlag, 1978.

⁸ *Geschichte des Pietismus*. Martin Brecht et al. (eds./colab.). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.

até mesmo contraditórias. Em vários casos (escritos), o Pietismo é descrito de forma unilateral, o que naturalmente não ajuda a avaliá-lo nem compreendê-lo.

2. Os “pais do Pietismo”.

Os nomes mais conhecidos são Phillip Jacob Spener (1635-1705) e August Hermann Francke (1663-1727). Além desses, Nikolaus L. Graf von Zinzendorf (1700-1760) e Johann Albrecht Bengel (1687-1752) também são considerados pais do Pietismo luterano-alemão. No entanto, as pessoas citadas não foram as únicas que tiveram significado e atuação expressiva para o movimento incipiente.⁹

Para concluir as considerações preliminares, registramos ainda que, diante da amplitude do que é hoje o Pietismo luterano-alemão (eclesial), de modo especial da literatura existente em torno dele, e à vista da complexidade do ministério de Francke,¹⁰ apoiamos-nos apenas em obras selecionadas para abordar a temática sugerida. *A espinha dorsal* do presente texto é um artigo de Dieter Velten, membro da *Comissão Pedagógica da Associação de Gnadau*.¹¹

I. A REALIDADE HISTÓRICO-CULTURAL QUE FRANCKE VIVENCIOU¹²

Francke atuou, principalmente, em Halle e arredores - na antiga República Democrática Alemã (RDA), a parte socialista da Alemanha do período

⁹ Cf. também Erich BEYREUTHER, op. cit., p. 9-59; Hans-Jürgen HOEPPKE, *Johann Arndt – der Vater des Pietismus*. In: *Theologische Beiträge*. Klaus Haacker et al. (eds.). Wuppertal: Brockhaus Verlag, 1993/4, p. 203-211 e outros.

¹⁰ Essa complexidade está distribuída em muitas obras literárias, muitas das quais de difícil acesso. Ademais, o que aqui não pode ser considerado por razões da própria temática e de espaço é a ampla atuação evangelística de Francke que, sem dúvida, mereceria nossa atenção, mas será “postergada”. Aliás, mesmo não abordando diretamente a atividade eminentemente evangelística, cada obra e empenho de Francke tem um viés evangelístico inequívoco, porque, em última análise, ele buscava o resgate dos perdidos e sua maturação na fé cristã.

¹¹ Dieter VELTEN, *August Hermann Francke (1663-1727)*. In: *Glauben, Lehren, Erziehen. Pädagogen und pädagogische Konzepte im Pietismus*. D. Velten (Hrsg.). Giessen-Basel/Dillenburg: Brunnen Verlag & Gnadauer Verlag, 1988, p. 38-66.

¹² Este capítulo com seus itens, bem como os próximos capítulos, apóiam-se fortemente em D. Velten, como já foi mencionado acima, embora isso não seja exclusivo nem exclua nossa reflexão própria com comentários adicionais.

depois da Segunda Guerra Mundial até 1989. Na época de Francke, em Halle havia uma recém-fundada Universidade. Dentro dela, Francke tornou-se um dos expoentes e desempenhou um papel fundamental durante boa parte do seu ministério. Foi também nessa Universidade que o *Iluminismo* e o *Pietismo* se encontraram, frente a frente. Por esse motivo, seguem algumas colocações sobre os dois movimentos.

I. Iluminismo e Pietismo

O Iluminismo e o Pietismo eram as principais correntes intelectuais e pedagógicas no final do séc. XVII e início do séc. XVIII, em Halle¹³ e além de suas fronteiras, principalmente no que diz respeito ao Iluminismo. De fato, na época, o Iluminismo predominava em vastas áreas da Alemanha e Europa. O *Iluminismo* (= *ilustração, era da luz*) era uma corrente filosófica que deu a primazia à razão humana para compreender o mundo e o próprio ser humano.¹⁴

Em Halle, mais precisamente na Universidade de Halle, Christian Thomasius figurava como representante clássico do Iluminismo enquanto August H. Francke era o representante clássico do Pietismo. Entre as duas correntes, representadas por Thomasius e Francke, havia pontos de convergência ou comuns e, ao mesmo tempo, pontos de grandes divergências.

Dentre os pontos de convergência pode-se mencionar que tanto Francke quanto Thomasius eram “contra a estreiteza dogmática e a ossificação (*Verknöcherung*) da existência por meio da filosofia e teologia¹⁵” vigentes. No que dizia respeito às questões pedagógicas, “ambos tendiam mais à prática e ao realismo e se dirigiam contra a erudição literária” (*Buchgelehrsamkeit*)¹⁶, a escolástica em termos latos.

Não obstante os pontos convergentes, *as diferenças* entre o Iluminismo e o Pietismo *eram evidentes*. Por exemplo: - o Iluminismo tinha seu interesse fundamental no próprio ser humano, na razão do ser humano, e se dirigia contra tudo que podia ser chamado de “absolutismo e contra a autoridade eclesiástica”. A consequência, especialmente da supervalorização da razão, foi um enfoque muito forte no “aquém (*Diesseitigkeit*) e na secularização da vida”. A partir de então, tudo passaria pelo crivo da razão humana e o que esta

¹³ No caso do Pietismo, tratava-se de uma corrente de renovação religiosa, mais precisamente espiritual. E, no caso de Francke, de fortes enfoques pedagógicos.

¹⁴ Constante Marcondes CESAR, *Filosofia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 79.

¹⁵ Dieter VELTEN, op. cit., p. 38.

¹⁶ Id. *ibid.*

não pudesse apreender ou explicar, era rotulado ou estigmatizado como “superstição”. A antropologia iluminista era altamente otimista ou positivista. Defendia-se a idéia de que o núcleo, o cerne do ser humano, é bom e por meio da *iluminação* ele poderia ser aprimorado. Dentro dessa visão antropológica, à pedagogia ou educação foi atribuída a finalidade de favorecer o potencial do núcleo bom que está no ser humano. Dessa forma, este chegaria ao pleno desenvolvimento.¹⁷ Evidentemente, essas idéias não surgiram somente no Iluminismo dos séculos XVII-XVIII, mas elas são muito mais antigas, têm raízes já na antiguidade filosófica ocidental.¹⁸

- O Pietismo, por sua vez, colocou outros enfoques. Como “movimento de renovação religiosa” (de fé), ele se opôs à ortodoxia ou, melhor dizendo, não se contentou com uma *ortodoxia externa*, mas procurou o avivamento e a edificação das pessoas por meio da “experiência e perseverança na fé (em Jesus Cristo) no dia-a-dia”.¹⁹ A antropologia do Pietismo se distinguia fundamentalmente da do Iluminismo. No Pietismo, partia-se do pressuposto de que o ser humano - criado à imagem de Deus - rebelou-se (pecou) contra Deus e, dessa forma, alienou-se dele. O cerne da natureza humana não era visto como bom, mas em oposição ao seu criador. E esse é o problema humano básico, que não se resolve por meio de um “esforço e uma educação piedosa, mas somente pela fé em Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado”.²⁰

A partir da visão antropológica de base, o Iluminismo e o Pietismo desenvolveram e sustentaram propostas pedagógicas bem diferentes. O Iluminismo via “o caminho e objetivo da educação” a partir de um pressuposto antropológico enquanto que “o Pietismo fundamentava a educação a partir de Deus”,²¹ portanto, a partir de um pressuposto teológico.

2. A realidade pedagógica no tempo de August H. Francke

No séc. XVII, a Alemanha era marcada por uma miséria social muito grande, em boa parte causada pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Calcula-se que entre 10 até 20% da população vivia acima de tudo da esmola. Como sempre, os mais atingidos eram os filhos de famílias pobres. E como os pais não podiam pagar os estudos dos filhos, a maioria deles crescia sem

¹⁷ Id. *ibid.*

¹⁸ Cf. F. BLÄTTNER, *Pädagogikl. Geschichtlich*. In: RGG Kurt Galling (ed.), vol. 5. 3ª ed. Tübingen: J. C. B. Mohr. 1961, col. 4-8.

¹⁹ D. VELTEN, *op. cit.*, p. 38-39; o que está entre parênteses é destaque nosso.

²⁰ Id., p. 39.

²¹ Id. *ibid.*

escolaridade, o que teve conseqüências funestas como: o abandono de muitos por parte de seus pais e a violência daí decorrentes, a exemplo daquilo que a mídia exhibe hoje da realidade de muitas famílias e crianças brasileiras e de outros países do Terceiro Mundo.

O sistema de educação e ensino da época era muito precário. No seu escrito “Da Educação dos jovens” Francke se pronuncia da seguinte forma em relação à educação:

“No que se refere à educação da juventude entre nós, a miséria é tanta que não podia ser pior (...)”.²²

- “Os pais ainda mal sabem meios e caminhos ‘para arrancar seus filhos dos principais erros generalizados da degeneração da educação’.

- Governo e pregadores (Estado e igreja) não assumem mais satisfatoriamente a sua responsabilidade em relação às crianças.

- Um esforço sério na educação é discriminado por meio de mentiras e difamações.

- Acima de tudo, a educação das meninas é desleixada.

Tudo isso tem contribuído para o abandono da juventude. A situação mais grave é a educação de filhos de *estamentos nobres*. As ‘crianças baixas’²³ ainda são estimuladas ao trabalho. Em contrapartida, as nobres não são educadas nem para o trabalho e nem para o temor a Deus”.²⁴

Em traços gerais, foi essa a realidade com a qual Francke - em seu tempo - se deparou. A partir da sua base de fé cunhada pelo Pietismo, especialmente de Spener, Francke não só viu essa realidade mísera que acabamos de mencionar. Ele desenvolveu uma ação pedagógica impressionante. Desta trataremos mais adiante. Antes queremos ver alguns enfoques biográfico-ministeriais do cristão e pedagogo Francke.

II. DADOS BIOGRÁFICO-MINISTERIAIS DE FRANCKE

Francke nasceu no dia 22 de março de 1663, em Lübeck, na Alemanha. Ele era filho de Johannes Francke (doutor em direito) e Anna, nascida Gloxin. Em 1666, seu pai tornou-se Conselheiro da Corte e da Justiça do Duque Ernst des Frommen. Isso fez com que a família se mudasse para Gotha,

²² August H. Francke. *Von der Erziehung der Jugend*, apud D. VELTEN, *op. cit.*, p. 39.

²³ “Crianças baixas” significam crianças de família de baixa renda ou de estrutura social baixa e/ou separada das de estrutura social diferente.

²⁴ D. VELTEN, *op. cit.*, p. 39-40.

onde Francke foi aluno ginásial de 1676-1679. No mesmo ano, Francke iniciou o estudo de teologia em Erfurt. Ainda no mesmo ano, trocou de faculdade e foi para Kiel. Em 1684, ele continuou seus estudos em Leipzig onde, no ano seguinte, adquiriu o grau de *mestre em filosofia*.²⁵ Naquele período, Francke participava do “Collegium philobiblicum”, que era uma comissão de trabalho que se ocupava com a explicação da crítica textual de variantes das línguas bíblicas.²⁶

Conforme o próprio Francke relata, foi durante o preparo de um sermão sobre “a fé viva” que ele chegou de fato à fé, após dias de lutas e desespero. Aqui vale lembrar do reformador M. Lutero. Depois da experiência de conversão, Francke confessou: “Ich konnte Gott nicht allein Gott, sondern meinen Vater nennen” (*pude chamar Deus não apenas de Deus, mas de meu Pai*).²⁷ Esta “experiência” em boa parte determinou como Francke via a realidade da fé, a exemplo de como a “experiência” do reformador Lutero determinou fortemente como este via a realidade da fé e de Deus. Diga-se, de passagem, que muitas vezes há uma relação estreita entre a *biografia e a teologia*, i. é, entre a *experiência marcante* de uma pessoa e as *ênfases bíblico-teológicas* que essa pessoa destaca. Isso não é necessariamente ruim, mas não deve ser o fator que determina a leitura que se faz da realidade humana, cristã e/ou não-cristã.

Em 1688, Francke deu aulas a um grupo de crianças em Hamburgo. Essas aulas “foram suas primeiras experiências pedagógicas”. E foi lá que ele se deparou com as deficiências do ensino daquela época e viu a urgência de uma “proposta alternativa”, ao menos em termos incipientes.

Em 1689, voltou para Leipzig. No entanto, antes disso, passou algumas semanas com Spener, em Dresden. Foi a partir desse encontro que os

dois se tornaram amigos.²⁸ Na universidade de Leipzig, Francke proferiu preleções bíblicas e pedagógicas. Contudo, oponentes do Pietismo, na universidade, entraram com uma moção contra ele, de modo que foi proibido de lecionar nessa universidade.

Em 1690, Francke tornou-se pastor da *Augustinerkirche*, em Erfurt. Lá encontrou uma resistência ferrenha e ativa contra sua pessoa e/ou seu ministério, de tal modo que, no ano seguinte, ele foi exonerado do cargo.

Em fins de 1691, foi nomeado professor de língua grega e línguas orientais na recém-fundada Universidade de Halle e, ao mesmo tempo, pastor em Glaucha, um bairro ou vilarejo da mesma cidade. Em 1692, iniciou efetivamente sua atividade em Halle, onde ficou até 1727, ano em que veio a falecer.

Glaucha tinha em torno de 200 casas. Nelas residiam aproximadamente 1200 pessoas. O vilarejo era um lugar no qual as pessoas gostavam de fazer passeios. Muitos habitantes de Halle faziam piqueniques em Glaucha. Das 200 casas, 37 eram *restaurants* ou *bares*.²⁹ A comunidade de Glaucha estava num estado deplorável. O pedagogo Velten destaca: “Pancadarias sangrentas comumente encerravam as altas festas da igreja”.³⁰ O pastor que antecedeu Francke, em Glaucha, diz Velten, “sentia-se em casa em todos os botecos”³¹ ou botequins do bairro.

Ir ao culto todos os domingos era costume de muitos dos habitantes de Glaucha. Contudo, a maioria só vinha ao templo na hora da pregação e muitas vezes saía antes de o culto ter terminado. Alguns vinham embriagados ao culto. Terminado o culto, a bebedeira e outros hábitos funestos eram uma maneira bastante comum de festejar o dia de descanso em Glaucha. Podia-se dizer: fazia parte da *cultura glauchense*.

Nesse contexto que acabamos de caracterizar, Francke dedicou especial atenção às crianças pobres que, sem assistência, cresciam na ignorância e “maldade, com grande probabilidade de serem abandonadas e de se tornarem ladras”. Para mudar esse estado de coisas, Francke necessitava de recursos (dinheiro) que ele não possuía. O que ele fez? Na casa pastoral, ele instalou uma *Armenbüchse* (caixa de pobres). No ano 1695, alguém depositou 7 *Gulden* (moeda de prata ou de ouro usada em vários países). *Gulden* era uma unidade

²⁵ Aliás, Philipp Jakob Spener era doutor em teologia. Os quatro “pais do Pietismo luterano-alemão” eram acadêmicos de renome, o que depõe contra a idéia de que o Pietismo não valorizava teologia. Para o Pietismo, a questão nunca era *teologia sim ou teologia não*, mas a questão crucial era *teologia com Deus ou sem Deus*. Com (muitas) exceções à parte, para o Pietismo *teologia é didache* (instrução para a vida) a serviço da *paraklese* (= Seelsorge = poimênica, exortação, encorajamento, apelo, consolação, etc.). Cf. Julius SCHNIEWIND. *Geistliche Erneuerung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1981, p. 117ss.

²⁶ D. VELTEN, op. cit., p. 40. Johann Albrecht Bengel tomou-se pioneiro no duro trabalho da *crítica textual* dos manuscritos e/ou variantes do texto grego do NT. Cf. Hans Jochen GENTHE. *Mit den Augen der Forschung*. Kleine Geschichte der neutestamentlichen Wissenschaft. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt Berlin. 1976, p. 44ss.

²⁷ Cf. D. VELTEN, op. cit., p. 41.

²⁸ A “amizade” entre Francke e Spener não se tomou uma camaradagem na qual um não pôde mais enxergar os erros do outro. Especialmente Spener, o mais velho dos dois, teve a grandeza de “pontuar” tendências para o extremismo em alguns *pronunciamentos* de Francke; cf. Erich BEYREUTHER. *Geschichte des Pietismus*, p. 142 e o.

²⁹ Levando em conta que isso ocorreu há três séculos, essa estatística fala por si só.

³⁰ D. VELTEN, op. cit., p. 41.

³¹ W. Oschlies, apud D. VELTEN, op. cit., p. 42.

monetária). Não sabemos quantificar o valor dessa doação. Mas, ao vê-la, disse: “Isso é um capital honrado, disto deve-se fundar algo certo, com isso eu quero iniciar uma escola para pobres”.³²

Citemos Velten que escreve a respeito: “Francke comprou livros e encarregou um estudante pobre (da Universidade de Halle)³³ para duas horas de aula por dia. A maioria das crianças leva os livros (para casa), vendem-nos e não voltam mais. Francke não se deixa desanimar. Ele compra novos livros e, ao término das aulas, ele os recolhe. Na Páscoa de 1695, iniciou essa escola para pobres”.³⁴

A escola tornou-se conhecida e logo teve boa reputação. Essa *escola para pobres*, de fato, não era só para pobres. Com a criação da escola, Francke não quis dividir a comunidade mais do que ela já estava. Por conseguinte, crianças de famílias burguesas também puderam participar das aulas. A carga horária foi ampliada de duas para cinco horas por dia.

Ainda no mesmo ano, em Pentecostes de 1695, Francke fundou o “**Pädagogium**”.³⁵ Tratava-se de uma escola para crianças oriundas de famílias que tinham condições de pagar a mensalidade escolar. Contudo, ele percebeu que o resultado efetivo da educação intermediada na escola era mínimo, porque a influência *extra-escolar* se impunha com muita força. O que ele fez? Planejou receber ou hospedar, na casa pastoral, diuturnamente, algumas crianças. Aconteceu que Francke recebeu uma doação de 500 Taler. Taler era uma moeda - hoje não mais em uso - que naquela época representava uma unidade monetária de referência cambial, durante muito tempo – como o Dólar e/ou o Euro hoje. Enfim, o resultado dessa doação foi que, ainda no mesmo ano (1695), Francke fundou um **orfanato**,³⁶ no qual muitas crianças puderam ser abrigadas e assistidas de forma integral.

Em 1696, fundou o “**Seminarium praeceptorum**”.³⁷ Esse seminário tinha a finalidade de oferecer e garantir uma formação sólida aos professores para a escola primária. Francke dizia que não bastava empregar estudantes como professores. Ele via a profissão de professor praticamente como uma *vocação*. Em todos os casos, ele enxergava uma ligação muito íntima entre os objetivos da educação e a capacidade e formação adequada ou corresponden-

te dos professores. Isso tinha, naquela época, e tem, ainda hoje, caráter paradigmático, que nem sempre foi nem é visto e correspondido.

Em setembro de 1697, Francke fundou a assim chamada “*escola de latim*” visando à preparação para o estudo universitário. Inicialmente, somente rapazes estudavam nessa escola, mas apenas um ano mais tarde, Francke iniciou o **Gynäceum**,³⁸ uma escola secundária para moças. A partir de 1707, os professores para essas escolas seriam formados no “*Seminarium selectum*” - uma *instituição específica* que visava ao preparo dos melhores alunos para o magistério.³⁹

Além das instituições de ensino, Francke fundou outras instituições. Em 1699, fundou uma farmácia; em 1701, uma tipografia, editora e livraria; em 1712, uma instituição bíblica (*Bibelanstalt*); em 1721, um hospital. De 1726 até 1728 foi construída uma biblioteca central, com um programa de acervo bibliográfico crescente.⁴⁰

Essa diversidade e imensidão de instituições não eram fruto de um longo planejamento nem de conceitos pedagógicos teóricos.⁴¹ Elas surgiram da necessidade e, conseqüentemente, do profundo desejo e vontade de ajudar crianças e jovens nas suas dificuldades, conduzi-los à fé em Jesus Cristo, ajudá-los a crescer nessa fé e a serem cidadãos honestos, *para a honra de Deus*.⁴² Essa era a *força motriz* de todo esse empenho de Francke.⁴³

III. PENSAMENTOS PEDAGÓGICOS FUNDAMENTAIS DE FRANCKE⁴⁴

I. Considerações antropológicas de Francke

Normalmente há uma ligação estreita entre a compreensão que se tem do ser humano e a pedagogia consciente ou inconscientemente adotada na

³² A. H. Francke, apud D. VELTEN, op. cit., p. 42. O que está em negrito é destaque nosso.

³³ O que está entre parênteses é inclusão nossa.

³⁴ D. VELTEN, op. cit., p. 42.

³⁵ O negrito é destaque nosso.

³⁶ O negrito é destaque nosso.

³⁷ Cf. Erich BEYREUTHER, *August Hermann Francke. Zeuge des lebendigen Gottes*, p. 191. O negrito é destaque nosso.

³⁸ O negrito é inserção nossa.

³⁹ Erich BEYREUTHER, op. cit., p. 191.

⁴⁰ Cf. D. VELTEN, op. cit., p. 43. Mais informações sobre as instituições de Francke podem ser vistas em *Geschichte des Pietismus*, vol. I. Martin Brecht (ed.). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993, p.473ss.

⁴¹ Isso naturalmente não depõe contra planejamentos ordenados e objetivos nem contra projetos pedagógicos previamente elaborados.

⁴² D. VELTEN, op. cit., p. 43.

⁴³ Esses dados são apenas um extrato do ministério de Francke e dos desdobramentos desse ministério.

⁴⁴ O título foi extraído de D. VELTEN, op. cit., p. 44.

lida com as pessoas. Com Francke, isso não foi diferente. Apenas a partir desse “pressuposto” pode-se entender a “pedagogia franckeaná”. Qual era a compreensão do ser humano que Francke tinha?⁴⁵ A resposta é clara e pode ser sintetizada nos seguintes termos: por natureza, o ser humano não é bom nem é uma *‘tabula rasa’* que será definida ou determinada a partir de seu meio ambiente, tão somente. Não havia dúvida, para ele, de que o ser humano é pecador de fato. Por conseguinte, o ser humano não vive mais na comunhão com Deus para a qual foi criado.

Essa situação não muda por meio da educação, mas somente pela graça de Deus. “As medidas educacionais apenas são meios como o plantar e regar para o qual Deus deve conceder o crescimento”.⁴⁶ Para Francke, é fundamental que o ser humano experimente uma conversão operada por Deus e que mude seu antigo ser ou modo de ser. Do amor próprio o ser humano deve passar para o amor de Deus, ou seja: no lugar do amor próprio deve estar o amor de Deus, o qual as pessoas regeneradas e renovadas por Deus devem portar e passar adiante.⁴⁷

No que diz respeito à educação de crianças, dizia Francke, é preciso que se leve em consideração que elas não são “pequenos adultos”, mas sua infância deve ser vista como uma fase própria dentro da qual se desenvolve a personalidade delas. Também é tarefa da educação conduzir a criança à independência (a ser um *ser próprio*). Segundo Francke, não restava dúvida de que também a criança é um pecador e vive alienada da sua destinação primeira por Deus. Mas pela fé em Jesus Cristo ela pode ser reconduzida à comunhão com Deus.

Pelo fato de a infância ser uma fase própria da vida, o educador deve esforçar-se para entender a individualidade da criança e levar em consideração as diversas faixas etárias. Para nós, na modernidade ou pós-modernidade, as colocações de Francke não são novidade, mas se for considerado o tempo em que ele viveu - aproximadamente há 300 anos -, sua visão e compreensão

⁴⁵ Evidentemente, não só Francke tinha essa compreensão do ser humano.

⁴⁶ D. VELTEN, op. cit., p. 44.

⁴⁷ Francke de modo algum via um mérito humano na “experiência de conversão” e na “santificação”, mas nelas via a obra de Deus. Evidentemente, sua ‘experiência pessoal’ teve reflexos sobre a maneira como passou a ver e entender enfoques ético-teológicos, a exemplo do que aconteceu também com a ‘experiência pessoal’ do reformador M. Lutero, como já foi colocado acima. Reiteramos que entre a *biografia* ou *história de Deus com uma pessoa e sua teologia* há uma ligação mais estreita do que comumente se imagina, tenhamos consciência disso ou não. Por essa razão, o ouvir atento da voz das Sagradas Escrituras é um exercício constante, tanto individualmente quanto em comunhão.

a respeito da criança era algo quase que revolucionário.

2. O objetivo da educação cristã

De acordo com Francke, estava inteiramente claro que educação é educação cristã. Ele defendia uma educação cristã com base na visão bíblica do ser humano. “O fundamento para o alvo, conteúdo e método dos seus esforços pedagógicos era a Bíblia”, comenta Velten.⁴⁸ Sua pedagogia tem um “transzendentem Fixpunkt: Gott selbst” (*ponto transcendente fixo: o próprio Deus*).⁴⁹ A partir deste *ponto fixo*, a educação é vista e exercida. Isso não significa que Francke ignorasse a realidade do mundo, a realidade social na qual a criança e o ser humano estão inseridos. Pelo contrário, foi à vista dela que Francke *elaborou o currículo escolar*.

A grade curricular das suas escolas continha as seguintes disciplinas:

- Educação cristã;⁵⁰ - ler e escrever; - fazer cálculos; - disciplinas técnico-práticas; - geografia; - história; - botânica; - astronomia e - línguas estrangeiras.

No que diz respeito à grade curricular, Francke foi um inovador e reformador na sua época. As *Realien* (coisas reais ou concretas, fatos e disciplinas científicas), a instrução para trabalhos manuais, e a educação estética (“ciência do belo na criação”) foram introduzidas na grade escolar por ele.

Em tese: Francke quis conduzir os alunos a se tornarem “bons cristãos (...) e a desenvolverem suas capacidades (...) para organizar sua vida para a honra de Deus”.⁵¹ *Honra de Deus* era uma expressão muito usada por ele.⁵²

Não podemos furtar-nos da pergunta: que recursos pedagógicos Francke usou ou propôs para alcançar seus *objetivos de ensino*? Essa pergunta será respondida a seguir.

3. Recursos pedagógicos⁵³

a) *Instruir ou educar para a verdadeira “Gottseligkeit” (bem-aventurança em Deus)*. Esta “Gottseligkeit” era sinônimo de “fé viva” em

⁴⁸ Id., p. 45.

⁴⁹ Id., p. 46.

⁵⁰ Esta tinha o peso maior dentro da grade curricular. Isso era possível porque Francke vivia num Estado e contexto considerados cristãos.

⁵¹ Id., p. 47.

⁵² Temos motivos para crer que o “pedagogo” em questão usou a expressão *honra de Deus* com muita consciência. Dificilmente essa expressão seria uma expressão inflacionada, como são inflacionadas muitas expressões cristãs em nossos dias.

⁵³ Id., p. 47-57.

contraposição a afirmações dogmáticas que se considerava meramente como corretas ou verdadeiras e, por isso, automaticamente suficientes. Fica evidente que Francke tinha clareza sobre a realidade das crianças, inclusive dos adolescentes ou qualquer outra faixa etária. Elas não poderiam ser educadas como se fossem automaticamente cristãs pelo fato de serem filhos de pessoas cristãs ou que se denominam como tais. Importa, sim, conforme Francke, ajudá-las a alcançar este alvo: tornar-se verdadeiramente cristão. Que elementos “facilitadores” Francke propôs para o objetivo maior: a *bem-aventurança em Deus*?

A seguir, relacionamos apenas os principais elementos:

1) *O exemplo do próprio educador*. Refere-se a pais e professores. Eles têm uma dupla função. *Primeiro*: o **bom exemplo**. Em questão está a *imitatio*, da qual nós hoje temos dificuldades para falar por causa de certos exageros havidos e que ainda existem. Saibamos, porém, que o abuso não anula o uso correto, mas o torna tanto mais necessário. Vejamos, aqui, apenas uma breve base escriturística da realidade e necessidade da “imitação” do bom exemplo: 1Co 11.1; 1Ts 2.14; Gl 4.12; Ef 5.1. *Segundo*: manter **exemplos negativos à distância das crianças/dos alunos**. Na compreensão de Francke, era necessário esclarecer esses fatos.

2) *Instrução catequética*. Trata-se de instruir os educandos na doutrina cristã. O objetivo dessa instrução é que as crianças e os alunos reconheçam a vontade de Deus para sua vida e aprendam a fazê-la.

3) *Leitura da Bíblia*. Também para ela necessita-se de pedagogos (cf. Gl 3.24). A leitura bíblica não tinha o objetivo de se tornar um “*opus operatum*” (“obra meritória”), mas algo “regulador e normativo” para a fé e a vida. Para Francke, a leitura da Bíblia compreende também a *memorização de textos/versículos bíblicos*. Trata-se de uma *memorização inteligente*, com breves e simples ensaios de compreensão (gramatical) do texto.⁵⁴

4) *A exortação clara, mansa, paciente e no momento adequado*.

5) *Mostrar, apresentar o que são virtudes e o que são vícios e apontar às conseqüências que têm para a vida*.

6) *A oração como um dos elementos mais “nobres” para o cristão e a cristandade*. Também aqui, Francke não pensa na oração como um simples costume ou ritual religioso e/ou obra meritória diante de Deus.⁵⁵ Ele insiste em chamar a atenção para que a oração seja vista corretamente e feita com a postura que lhe é devida por tratar-se de falar com Deus e ouvir a ELE.

⁵⁴ Id., p. 49.

⁵⁵ Nem todas as pessoas que oram são cristãs, mas certamente todo cristão ora.

7) *Observar atenciosamente o relacionamento das crianças entre si, principalmente porque elas imitam exemplos – bons e maus*.

8) *Educar com amor*. Talvez isso surpreenda, porque Francke muitas vezes é tido como um homem muito duro de quem não se esperava uma afirmação ou orientação dessa natureza.⁵⁶

9) *O castigo, a disciplina*. Em relação ao castigo físico, ele recomenda a reflexão por parte do educador (pais, professores), para não agir a partir do efeito que a “transgressão/o delito” causou no pedagogo.⁵⁷

b) *Educação que visa a “prudência cristã”*. Além da “*Gottseligkeit*” (*bem-aventurança em Deus*), a “prudência cristã” é outro esteio pedagógico recomendado por Francke. O que isso implica? Uma série de coisas. Vejamos a seguir:

1) *Despertar e fortalecer a atenção dos educandos*.

2) *Colher experiências; inclusive aprender dos erros próprios e alheios*.⁵⁸

3) *Evitar e/ou ajudar a superar idéias preconcebidas e preconceitos*.

4) *Aplicação do assunto estudado*. Teoria e prática não são realidades desconexas, conseqüentemente, também não devem ser vistas dessa forma. Uma está ligada à outra como parte de um todo.

5) *Agir de forma racional*. O educando deve aprender a ter clareza sobre a razão de suas atitudes, i. é, ele deve agir de forma responsável. E aqui novamente Francke fala da “honra de Deus” que é o alvo de todas as atitudes humanas, também da educação (cristã).

6) *Alertar contra caminhos errados e descaminhos*. O objetivo é que o educando aprenda a escolher o que é bom e a rejeitar o que é ruim.

7) *Estímulo à leitura de livros úteis e bons*. É evidente que esse elemento não poderia faltar nas recomendações de um pedagogo.⁵⁹

c) *A autocompreensão de Francke como pedagogo*. Daquilo que foi exposto até aqui emerge e depreende-se a autocompreensão de Francke na função e condição de educador.

⁵⁶ Id., p. 53. De fato, Francke pôde ser duro e, às vezes, ‘duro em demasia’ – diríamos hoje.

⁵⁷ Id., p. 53-55.

⁵⁸ Em relação aos educandos (adolescentes e jovens que eram preparados para o estudo universitário) é conhecida uma expressão significativa de Johann Albrecht Bengel, em Denkendorf, na Alemanha. Quando um educando errava, Bengel costumava dizer: “Esse de longe não pecou tanto como eu” (citado de memória por falta de acesso à fonte).

⁵⁹ Às vezes, tem-se a impressão de que hoje este estímulo é desleixado nos mais diversos níveis de estudo.

1) *Ter consciência da grandeza e responsabilidade dessa tarefa.* Educar é uma vocação. Daí entende-se também a ênfase de Francke na formação dos professores, promovida por ele mesmo. Lembramos aqui do *Seminarium selectum*.

2) *O reconhecimento dos próprios limites e recursos humanos à disposição do professor.* As habilidades antropológica e didático-pedagógica para o ensino são necessárias, mas não o suficiente. Aqui novamente entra como elemento indispensável na educação o que Francke chama de “sabedoria de cima”, querendo expressar que o educador não pode mais do que “plantar e regar”.

3) *Em tudo que o pedagogo ensina ele deve ser um bom exemplo.* Nele – no pedagogo/educador, os educandos devem ver como a fé viva em Jesus Cristo de fato ocorre no dia-a-dia. Reitere-se que, para Francke, educação era sinônimo de educação cristã, preferencialmente como expressão viva da fé cristã.

4) *Os educadores têm o dever de conscientizar os educandos da finalidade da educação.*

5) *Francke, apesar de querer dar e dar o melhor no processo de ensino e aprendizagem, incluindo planejamentos, etc., sabe que ele mesmo não passa de alguém que “planta e rega”, mas não pode produzir o crescimento.* Este só pode vir de Deus. Aliás, podemos e devemos pedir confiantemente pelo agir de Deus.⁶⁰

IV. A PEDAGOGIA DE FRANCKE NA PRÁTICA

No decorrer desta abordagem, já ficou evidente que Francke tinha a tendência de acentuar os aspectos concretos dos seus “projetos”. Ele, na realidade, não era um pedagogo teórico, em primeiro lugar. Isso não depõe contra quaisquer teorias pedagógicas, por princípio. Ele desenvolveu e depois redigiu seus pensamentos pedagógicos a partir do pano de fundo das próprias experiências cotidianas com seus alunos. Lembramos seu contexto histórico e sócio-religioso, no qual havia-se deparado com a enorme miséria do povo do seu tempo, tanto das crianças de famílias pobres quanto de famílias burguesas e nobres. A rigor, tratava-se de uma realidade social arruinada por inúmeros males. Foi à vista dessa realidade que surgiu o intento e a firme resolução de intervir concretamente e, se não resolver, ao menos amenizar ao

máximo esse estado de miséria humana. Mas é preciso dizer que Francke pensava de forma arrojada para agir diacônica e pedagogicamente. Seus pensamentos adquiriram dimensões internacionais ou globais, o que não podemos desdobrar aqui.⁶¹ Pensamos que, nesse aspecto, Francke alimentou um ideal que beirou à utopia, à semelhança de Spener, no que se refere aos tempos melhores para a igreja, inclusive para a Igreja Católica Romana que, em outros lugares, Spener identificava com a Babilônia.

Contudo, isso não tira o mérito de Francke como tal, pois seus intentos se transformaram de pequenos passos concretos iniciais nas gigantescas “Hallenschen Anstalten” (*Instituições de Halle*),⁶² que abrigaram milhares de pessoas.

I. Aspectos do sistema educacional de Francke

a) *Em primeiro lugar, citamos a “Armen-und Bürgerschule” (escola de pobres e burgueses).* Os filhos de famílias pobres eram educados à parte, não por questões de preconceitos sociais, mas por uma necessidade de atenção diferenciada para ambos: os pobres e os burgueses. Em ambas as escolas, as aulas se concentravam nas seguintes disciplinas: - *Orientação na fé cristã*; - *exercícios de leitura e escrita*; - *fazer cálculos* e - *música*. Como nas outras escolas, também nestas era reservado um bom espaço para a *instrução cristã*. Dela faziam parte: a *oração*, a *leitura bíblica*, *memorização inteligente* de versículos bíblicos, *contar histórias bíblicas* e a *instrução no catecismo*. O catecismo não era considerado ou visto como um manual dogmático, mas como orientação para a fé cristã.

b) *A escola de latim.* Como já mencionado em outro lugar, ela preparava para o estudo universitário. Ao lado das disciplinas das escolas alemãs, ali eram ensinadas as línguas antigas: latim, grego e hebraico. Nessa escola, Francke admitia crianças de todos os segmentos da sociedade, inclusive crianças “dotadas” do orfanato. Conforme Beyreuther, de 96 órfãos, 60 foram admitidos na escola de latim, e os demais foram designados para aprenderem uma profissão artesanal. Para os órfãos escolhidos, Francke dava, inclusive, aulas de reforço.

c) *O Pädagogium.* Este estava praticamente na ponta das escolas de

⁶⁰ Id., p. 57-59.

⁶¹ Para maiores informações, cf. Erich BEYREUTHER. *August Hermann Francke. Zeuge des lebendigen Gottes.* Marburg an der Lahn: Francke-Buchhandlung. 1956. p. 180ss.

⁶² D. VELTEN, op. cit., p. 59. Detalhes a partir do próprio Francke em relação às “Hallenschen Anstalten” podem ser conferidas em August Hermann Francke. *Segensvolle Fustapfen. Geschichte der Entstehung der Hallenschen Anstalten Von August Hermann Francke selbst erzählt.* Michael Welte (clab. e editor). Giessen: Brunnen Verlag, 1994.

Francke e se destinava a rapazes e moças, filhos dos senhores (*Herrenstandes*) e nobres (fidalgos), além de outros moços e moças de famílias distintas.⁶³ O objetivo do Pädagogium era uma formação acadêmica com conotação prática. E a partir de uma base pietista, esses alunos deveriam ser preparados para “servir ao Reino de Deus”. Para os futuros portadores ou detentores da política pública de primeiro escalão, ensinava-se: - *latim, francês, inglês e italiano, história, genealogia e geografia*. Para militares e administradores públicos, eram incluídas e ensinadas ainda outras disciplinas.⁶⁴ Do pequeno começo na casa pastoral, em Glaucha, formou-se uma obra pedagógica enorme com mais de 2 mil alunos. Francke foi o primeiro a romper, na Alemanha, com a formação escolar masculina. Em torno de 40% dos seus alunos eram meninas/mulheres.⁶⁵

No que diz respeito à prática pedagógica de Francke, nada mais justo do que registrar que ele era o maior pedagogo do Pietismo luterano-alemão na sua época, embora não fosse o único. E, sem dúvida, Francke conta entre os grandes pedagogos da igreja cristã. Sua “contribuição pedagógica” não se limitou as *Hallenschen Anstalten*, mas se estendeu para o ensino universitário e para muitos outros campos, por exemplo: para a evangelização, missões externas, o estudo da teologia,⁶⁶ etc.

2. A contribuição de Francke para o estudo da teologia

Não raras vezes, Pietismo figura como rótulo de *fundamentalismo* e *anti-academicismo* ou como signo avesso ao saber acadêmico, de forma especial, ao estudo da teologia e, por conseguinte, representa *ingenuidade teológica*. E não há como negar que *fundamentalismo* e *anti-academicismo*, principalmente teológico, de fato foi e ainda é uma tendência dentro do Pietismo, melhor dizendo, de segmentos deste. Contudo, isso na verdade não representa o Pietismo, antes é uma “máscara pietista”. Esta, no mínimo, é unilateral e míope, pois os representantes clássicos do Pietismo luterano-alemão (e eclesial) eram teólogos e acadêmicos de renome. Mas não pretendemos fazer uma apologia ao Pietismo nem uma denúncia contra o mesmo, porém, o objetivo é registrar algumas contribuições deste, no caso, de Francke, para a academia teológica.

⁶³ D. VELTEN, op. cit., p. 60.

⁶⁴ Erich BEYREUTHER. *Geschichte des Pietismus*, p. 172; D. VELTEN, op. cit., p. 60.

⁶⁵ Cf. D. VELTEN, op. cit., p. 60-61.

⁶⁶ Reiteramos que, para Francke, *educação, educação cristã e atuação evangelística e missionária* são elementos inseparáveis.

Como já foi mencionado anteriormente, Francke⁶⁷ era professor universitário, primeiro em Leipzig e depois em Halle. Entre outras disciplinas, lecionava línguas antigas, dentre elas também a língua grega. Como destaques da contribuição desse teólogo e “pedagogo” para o estudo da teologia, mencionamos três elementos:

1) *Ênfase nas línguas, especialmente as antigas*. Contudo, não se tratava apenas das “línguas bíblicas”, o hebraico e o grego, mas também de outras línguas orientais, clássicas e “modernas”. Para a teologia, isso significou que as línguas antigas precediam às disciplinas convencionais, como a dogmática, apologética, etc. Isso já nos encaminha para o segundo destaque.⁶⁸

2) *O resgate da Bíblia para o estudo da teologia*. É evidente que uma ênfase estava ligada à outra ou uma condicionava a outra. *Preleções exegéticas*, que há muito tempo eram relegadas a planos inferiores ou quase inexistentes, figuravam entre as principais disciplinas no curso de teologia. Ligado a essas ênfases estava inclusive um “intercambio” entre estudantes do oriente e estudantes alemães, do qual (do intercâmbio!) Francke esperava uma nova edição ou versão do Antigo Testamento em língua hebraica.⁶⁹

3) *Aspectos teológico-pastorais*. Também essa ênfase tinha tudo a ver com as anteriores. Na realidade, Francke começou a concretizar o que Spener havia proposto para o estudo da teologia no seu “programa de reforma” na *Pia Desideria*.⁷⁰ Como Spener e outros, Francke defendia a proposta de que o estudo de teologia e vida cristã autêntica fossem indissociáveis, porém, não automáticos. Por essa razão, Francke valorizava o acompanhamento dos estudantes de teologia como parte de sua tarefa. Poderíamos falar, aqui, do assim chamado *currículo oculto*, que sempre está presente, também no estudo universitário.

Concluindo essa parte, podemos dizer que ninguém pode acusar Francke de um anti-academicismo teológico. O que é correto afirmar é que ele concebia o estudo de teologia a partir de novas premissas. Sobre as premissas que determinavam fortemente a proposta teológica de Francke, pode-se discutir,

⁶⁷ E Spener também não é exceção. Johann Albrecht Bengel, por sua vez, estava na vanguarda da pesquisa teológica, particularmente no que dizia respeito à elaboração de critérios sólidos para a crítica textual das edições gregas do Novo Testamento; cf. Hans Jochen GENTHE, op. cit., p. 44ss; cf. também acima as notas 25 e 26.

⁶⁸ Cf. Ernst BUNKE. *August Hermann Francke. Der Mann des Glaubens und der Liebe*, p. 51-55.

⁶⁹ Cf. Erich BEYREUTHER. *August Hermann Francke. Zeuge des lebendigen Gottes*, p. 180ss, aqui especialmente p. 197.

⁷⁰ Phillip Jacob SPENNER. *Mudança para o Futuro. Pia Desideria*, p. 102-117.

mas não se a proposta dele era acadêmica ou não. Aliás, ele tinha uma visão pedagógica, cultural e acadêmica que transcendia a esfera teológica, mas isso não será detalhado aqui.⁷¹

V. BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão de Francke, suas iniciativas e propostas, não só pedagógicas, mas especialmente estas, são impressionantes ainda hoje. Em Francke, vários elementos confluem para uma e mesma realidade: sua *ênfase no ser cristão* e *ou tornar-se cristão (para honra de Deus)*, sua coragem para *agir concretamente* e suas *propostas arrojadas*, tanto em termos de *missão cristã*, que assumiu dimensões intercontinentais, quanto em termos de *compromisso social abrangente*. Da visão teocêntrico-sócio-diaconal e das propostas e iniciativas concretas de Francke, surgiram amplas reformas, até para dentro do setor político-público de sua época.⁷²

Sem dúvida, as propostas pedagógicas de Francke têm relevância ainda hoje. Pergunta-se: quais? Ou: como nos posicionar e quais lições elas deixam para os dias atuais? Com certeza, não se pode tratar de uma tentativa de imitação e transplante delas para os nossos dias. Isso seria incabível, porque vivemos numa realidade social, política e religiosa completamente alterada, muito embora a essência do ser humano tenha permanecido a mesma. A partir desse registro óbvio, destacamos alguns aspectos para estimular a reflexão sobre o papel da iniciativa pedagógico-missionária de um “pedagogo leigo”. A seguir, pontuaremos alguns aspectos que nos parecem relevantes. A seqüência deles não representa prioridade para a reflexão e a iniciativa ou o agir concreto.

1. Francke e o Pietismo hoje: uma pergunta.

Reiteramos que o Pietismo não é uma grandeza homogênea, nem nos seus primórdios o era. Como a maioria dos movimentos cristãos e até igrejas cristãs, o Pietismo é uma grandeza multiforme. Sem dúvida, isso é um potencial enorme, com grandes chances para atuar na realidade eclesial e social hoje, mas não só isso. Essa *grandeza multiforme* implica também riscos, dos

⁷¹ Cf. Erich BEYREUTHER, op. cit., p. 180-205.

⁷² Não é possível desdobrar isso aqui, pois seria um assunto bastante amplo que requer uma demanda de atenção e espaço próprios. Remetemos, contudo, a Erich BEYREUTHER, *August Hermann Francke. Zeuge des lebendigen Gottes*, p. 180-205.

mais variados possíveis, que não serão relacionados neste lugar, exceto um que consideramos o *risco-cardinal*. Mas antes, seja-nos permitido fazer uma restrição sem discriminação. Dirigimo-nos, aqui, especialmente, ao Pietismo luterano-alemão e movimentos emergentes deste.⁷³

O *risco dos riscos* não é outro a não ser a *perda de identidade*. Urge ao Pietismo deixar-se fazer a pergunta com pontos de exclamação atrás da interrogação: *Pietismo - Quo vades?! (Pietismo - para onde vais?!)*. Aliás, essa pergunta tem sido o título de alguns livros e escritos no mercado literário das últimas décadas, um deles da autoria de Rodenberg.⁷⁴ A pergunta pelo rumo do movimento ora mencionado não é, em primeira instância, a pergunta: como fazer? Essa pergunta não é primária, mas secundária ou terciária. A pergunta primária é: o que fazer ou o que estamos fazendo?! É a pergunta pela procedência e o espaço ou tarefa, não só legítima, mas também e acima de tudo urgente!

2. Francke e o Pietismo hoje: estímulos.

Os estímulos de Francke (e dos demais pais do Pietismo [Spener, Zinzendorf, Bengel, etc.]) para o “Pietismo hodierno” são muitos. Abaixo, relacionaremos alguns deles:

a) *A visão sobre quem o ser humano é e quem Deus é*. É fundamental registrar que a visão de Francke sobre o ser humano não era otimista nem pessimista, mas muito realista, podendo ser sintetizada na seguinte frase: *o ser humano é pecador de fato, está inteiramente perdido* (alienado de Deus), *mas é resgatável pelo agir salvador de Deus por meio de Jesus Cristo*. A antropologia de Francke era oposta à visão humanista do ser humano, que via nele um potencial positivista a ser despertado para o desenvolvimento rumo à perfeição. A visão antropológica de Francke pode guardar-nos de dois extremos perigosos: *um extremo* é o de apostar na capacidade inata do ser humano para construir um novo mundo. Esse risco está implícito na visão humanista sobre o ser humano. Aqui há um elemento fundamental para os nossos dias, tão ofuscados, muitas vezes, por utopias antropológicas e escatologias imanentes, plasmadas pelo próprio ser humano. *O outro extremo* é o da resignação ou do conformismo por causa da natureza do ser humano. Francke é um indicador não só para a realidade da corrupção do ser humano, mas igualmente para a confiança no agir transformador de Deus no ser humano: da

⁷³ Os mais diversos elementos agregados ao longo da história deste estão incluídos na expressão “Pietismo luterano-alemão”.

⁷⁴ Otto RODENBERG *Pietismus – Quo vades? Dankanstösse und Arbeitshilfen*.

alienação para a comunhão com Deus, de modo que se passe a viver como criatura diante do Criador, a quem o cristão reconhece como *meu Pai celeste* por meio de Jesus Cristo.

b) *A visão cristã holística da vida*. Não é apenas uma visão holística, mas *visão cristã holística*. Ou seja: a fé cristã - a fé em Jesus Cristo como presente de Deus pessoalmente recebido - é elemento indispensável e prioritário para a cidadania autêntica que honra a Deus no dia-a-dia, e não apenas na comunidade cristã. *Cidadania autêntica* quer significar uma *dupla cidadania*: a *cidadania da e na nova criação de Deus*, que é aguardada ansiosamente (Fp 3.20-21; Rm 8.19-23), e a *cidadania desta e nesta terra* que ainda é de Deus.

c) *A clareza da função da evangelização e educação na comunidade cristã e na sociedade*. Destaques desta clareza são: - a promessa e perspectiva de Deus para o ser humano; - a função preventiva e protetora da educação; - a responsabilidade dos educadores frente aos educandos, especialmente no que diz respeito ao bom exemplo dos primeiros para com os últimos; - a consciência dos educandos para com o dever de respeito às autoridades.⁷⁵

d) *A perspicácia e capacidade para a aplicação de recursos limitados*⁷⁶ *para fins nobres e promissores*. Nobres e promissores porque se tratava de investir o amor de Deus em pessoas à vista da esperança do Reino de Deus. Francke era um exímio mordomo dos recursos, na maioria das vezes, literalmente escassos. Fazer pouco com muitos recursos é uma afronta a Deus e suas criaturas. Fazer muito com muitos recursos é o mínimo que se espera do mordomo fiel. Fazer muito com poucos recursos é um milagre de Deus.

e) *A conexão entre fé viva em Jesus Cristo e o labor teológico*. Diga-se que Francke soube unir as duas coisas: a vivência concreta da fé cristã nos duros desafios do seu ministério e do seu tempo e a perseverança no minucioso estudo da Palavra de Deus e do complexo contexto da sua época, com destaque das línguas antigas das Sagradas Escrituras.⁷⁷ Na conjugação entre fé em Jesus Cristo e o uso de todas as habilidades que Deus nos deu, dá e coloca à nossa disposição, reside uma enorme tarefa para nós hoje. A questão não pode ser em que vamos dar ênfase, mas como vamos fazer a fé útil para a teologia e a teologia útil para a fé. Fé sem teologia empobrece. Teologia sem fé enlouquece. Dito em termos mais abrangentes: não podemos dar-nos ao

luxo de escolher entre uma ou outra, mas a comunidade cristã ou comunidade de fé em Jesus Cristo precisa da sólida e viva instrução teológica e a teologia precisa da comunidade de fé em Jesus Cristo, sob pena de se tornar estéril. Entenda-se teologia não só, nem em primeiro lugar, como edifício filosófico abstrato, mas como *articulação acurada da Palavra de Deus como instrução para a vida*.

⁷⁵ *Autoridade* não deve ser confundida com *autoritarismo, decisão arbitrária e ação coercitiva*.

⁷⁶ O mesmo vale, evidentemente, para *recursos não tão limitados*.

⁷⁷ Cf. Otto RODENBERG *Pietismus – Quo vadis?* Wuppertal: Brockhaus Verlag, 1969, p. 4-5; cf. também E. BEYREUTHER, *Geschichte des Pietismus*, p. 172ss.